

Diabo

24-06-2014

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 25000

Temática: Banca/Seguros

Dimensão: 2843

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/8/9



FOLHETIM RICARDO SALGADO
ANGOLA TRAMA
BES E FAZ
TREMER A BANCA
PORTUGUESA

8-9

Economia

"Salgado queria que o Governo

Angola trama BES sistema bancário

FRANCISCO LOPES SARAIVA

Ricardo Salgado abandona cargos executivos no Grupo Espírito Santo num momento em que o banco está sem dinheiro e se mostra incapaz de tapar buracos descomunais nas suas contas. Maria Luís Albuquerque e Passos Coelho fecharam as portas e de Luanda nem um cêntimo veio.

O enredo que envolve o Grupo Espírito Santo é digno de um filme. Começamos pelo final. O deputado do PSD Paulo Mota Pinto foi o nome escolhido pelo Grupo Espírito Santo para ser o novo presidente do Conselho de Administração do BES, substituindo Alberto Oliveira Pinto.

Na Comissão Executiva, que passará a ser liderada por Amílcar Moraes Pires, o actual CFO, um homem próximo de Ricardo Salgado, estreiam-se Ana Rita Barosa e Isabel Almeida Bernardino.

As duas gestoras são quadros do BES e substituem José Maria Ricciardi e José Manuel Espírito Santo, ambos do núcleo duro da família que controla a instituição, e que até aqui exerciam as funções de gestores executivos do banco. Moraes Pires, que já recebeu luz verde do Banco de Portugal, vai ocupar o lugar de Ricardo Salgado à frente da Comissão Executiva.

Mas Salgado manter-se-á no BES à frente de um novo órgão social (não executivo), o Conselho Estratégico, que irá apoiar o Conselho de Administração encabeçado por Mota Pinto.

Todas estas mudanças surgem num momento em que o Banco Espírito Santo está completamente na mira das autoridades. A limpeza interna vai tentar apagar uma gestão que para muitos é duvidosa, mas que nem a crise permitiu (ainda) conhecer.

Com quase com 70 anos, e com mais de 20 à frente da entidade, com a crise a abrir brechas nos bancos e a fragilizar o BES, Ricardo Salgado não sairá da liderança no melhor momento. E deixa no ar suspeitas de ter andado a ocultar rendimentos obtidos no estrangeiro



Presidente angolano do BES começou tudo

O mal-estar entre BES e o governo de Angola instalou-se devido a dúvidas sobre a actuação de Álvaro Sobrinho, o antigo presidente angolano do Banco Espírito Santo na antiga colónia portuguesa.

Aliás, Álvaro Sobrinho teve 18 milhões de euros congelados em vários processos e foi mesmo constituído arguido num processo que envolveu suspeitas de burla ao estado angolano.

O gestor foi interrogado no Tribunal Central de Instrução Criminal, em Lisboa, pelo juiz Carlos Alexandre, e

à margem da sua actividade bancária, que o obrigaram a rectificar por três vezes o IRS. Ricardo Salgado foi obrigado a rectificar a sua declaração de IRS em 8,5 milhões de euros - valor recebido em Angola -, 11 dias antes de ir depor no inquérito do caso Monte Branco.

Contas ocultas

Os escândalos que têm abalado o Banco, em Angola, têm levantado dúvidas sobre as contas do BES. É que na antiga colónia portuguesa "desapareceram" misteriosamente quase 6 mil milhões de dólares (4,2 mil milhões de euros).

foi considerado suspeito do crime de branqueamento de capitais. Porém, Álvaro Sobrinho foi ilibado em Portugal, principalmente porque um ofício recebido da Procuradoria-Geral da República de Angola afirma que Álvaro Sobrinho "nada tem a ver" com o julgamento do processo que decorre em Luanda.

As disputas entre angolanos e BES já influenciaram mesmo a privatização da estação pública de televisão ao terem impedido a entrada da Newshold na RTP, com a paragem do processo de privatização.

A eurodeputada socialista Ana Gomes já comparou o Banco Espírito Santo ao BPN, afirmando que ambos são ou foram instrumentos de actividade criminosas. Ana Gomes disse ainda, em declarações à Antena 1, que "ninguém, chame-se Salgado ou Espírito Santo, pode

ser demasiado Santo para ir preso".

A reacção surge dias após ter sido tomado público que o antigo contabilista da Espírito Santo International (ESI), Francisco Machado da Cruz, acusou o presidente executivo do BES, Ricardo Salgado, de ter autorizado a manipulação das contas daquela holding. Na prática, teria sido ocultado um passivo de 1,3 mil milhões de euros.

A eurodeputada do PS fez um ataque violento a Ricardo Salgado aos microfones da Antena 1. "Estas revelações recentes sobre o Grupo Espírito Santo confirmam que a fraude e a criminalidade financeira não são a exceção. Eram e são a razão de ser do sistema de economia de casino em que continuamos a viver. Estas revelações confirmaram também o que toda a gente sabia: que o banqueiro Salgado não queria o financiamento do Estado para não ter de abrir as contas do banco e do grupo à supervisão do Estado", afirmou a ex-diplomata.

Entretanto, o jornal "i" noticiou que o facto de a ESI estar a ser investigada no Luxemburgo não impede o Ministério Público de abrir um inquérito em Portugal para investigar a ocultação de parte do passivo desta holding de controlo do GES.

Ministério Público investiga

Depois de todo o "burburinho" sobre angolanos investigados pelas autoridades portuguesas, a ordem agora é de discricionariedade absoluta. Ainda assim, o Ministério Público já fez saber que está a acompanhar o caso do BES Angola, onde se perdeu o rasto de 5,7 mil milhões de dólares. E admite mesmo cruzar dados que surjam em outras investigações em curso.

Em causa está um conjunto de factos irregulares tomados públicos recentemente, entre eles créditos atribuídos de forma discricionária sem garantias reais, levantamentos em dinheiro de centenas de milhões

o safasse, mas Passos negou

Economia 

e faz tremer nacional

de dólares e dossiês de crédito que não existem.

O caso do BES Angola foi noticiado há duas semanas pelo semanário "Expresso" com o título "Saque no BESA".

Também o DCIAP está a acompanhar a situação, "coligindo todos os elementos que estão ao seu alcance quer através de elementos que são do domínio público quer de elementos que, eventualmente, possam resultar de processos pendentes", revelam.

Face às potenciais perdas de não recuperação destes empréstimos do BESA, o Estado angolano concedeu, no final de 2013, uma garantia de até 5,7 mil milhões de dólares por um prazo de 18 meses. Objectivo: evitar riscos sistémicos nos sectores financeiros de Portugal e Angola, uma situação acompanhada pelos reguladores dos dois países.

A culpa? Bem, o BESA desconhece os beneficiários de 80% da carteira de crédito e o ex-CEO, Álvaro Sobrinho, que saiu do banco no final de 2012, foi incapaz de esclarecer a quem foram emprestados 5,7 mil milhões de dólares, alegando que sempre prestou informação detalhada ao BES, nomeadamente sobre os grandes riscos, bem como ao BNA, e que os auditores, KPMG, nunca colocaram questões ou reservas relevantes às contas.

Ao que se apurou, 182 milhões de euros serviram para negócios da família de Álvaro Sobrinho e outra parte chegou a Portugal para financiar o jornal "Sol" (37 milhões).

Mas há mais. O Banco de Portugal terá ido aos EUA proceder a averiguações nas instalações locais do Banco Espírito Santo, que desenvolve actividade em Nova Iorque e em Miami, com o objectivo, nomeadamente, de aferir se a instituição actuou de modo diligente perante suspeitas de branqueamento de capitais, ou de outras ilicitudes, em transacções envolvendo contas na América Latina e na Líbia.

A chegada de emissários do BdP

às instalações do BES nos EUA terá apanhado de surpresa os quadros do grupo português que ali trabalhavam. Esta informação já foi negada por fonte oficial do BES, que alega desconhecimento, enquanto o BdP, inquirido sobre se confirmava ou não os factos apurados pelo jornal "Público", se limitou a responder: "Não falamos sobre detalhes de processos".

BES em apuros

Perante este cenário, Ricardo Salgado, na qualidade de líder do GES, fez uma visita relâmpago, na semana passada, a Luanda com o objectivo de obter um empréstimo de 2,5 mil milhões de euros para a reestruturação do Grupo Espírito Santo (GES), avançou o "Expresso".

O banqueiro reuniu-se com altas figuras do regime angolano, assim como com alguns investidores, para tentar o financiamento desejado, mas a resposta foi negativa.

De acordo com o mesmo jornal, esta visita surgiu depois da resposta negativa por parte da ministra das Finanças, Maria Luís Albuquerque, em dar uma autorização para que a Caixa Geral de Depósitos e o BCP liderassem o empréstimo de 2,5 mil milhões para a reestruturação do Grupo Espírito Santo.

Depois de tentar a sua sorte com Maria Luís Albuquerque, o empresário foi ter com Pedro Passos Coelho para pedir que autorizasse que a Caixa Geral de Depósitos e o BCP liderassem o empréstimo. A resposta também foi negativa.

Segundo o Expresso, após as duas negas do Governo, Salgado foi a Luanda pedir ajuda. Mas em vão.

Ligações a Luanda

As ligações do BES a Angola não são recentes. Aliás, Ricardo Salgado foi envolvido num processo de desaparecimento de dinheiro do Banco Nacional de Angola - uma história nunca bem contada e com vários processos a correr em paralelo mas sem fim à vista.

Outras novelas existem. De recordar, por exemplo, que a Aleluia Cerâmicas SA, detida por um fundo de investimento do BES, passou a ser controlada pelo grupo luso-angolano Prébuild, em 2012. A Aleluia tem quatro fábricas, em Esgueira, Ilhavo, Vagos e Sintra, empregando um total de 400 trabalhadores. A sua produção na área da cerâmica vai dos revestimentos à azulejaria tradicional, através das marcas Ceramic, Aleluia Apolo, Keratec e Vitória Lamego. E que fez a Prébuild depois de comprar a maioria destas empresas? Despedir grande parte dos funcionários e instaurar processos internos a outros, enquanto garantia o controlo do mercado da cerâmica na zona centro do País.

O Banco Espírito Santo sempre foi um banco próximo dos regimes. Independentemente de quem esteja na liderança. Depois de o Banco ter fundado o BES Angola, em 2001, Isabel dos Santos fez parte do núcleo de acionistas que ficou com 20 por cento do capital. Na mesma altura em que o BES lançou o banco, a Portugal Telecom, participada pelo BES, comprou 25 por cento do capital da Unitel, a quem José Eduardo dos Santos concedera os direitos de exploração de telemóveis por adjudicação directa.

Guerra angolana

Mas algo não correu bem, e o BES - cada vez mais controlado nas suas acções em Angola pela família de Eduardo dos Santos - acabou por se "entalar" em Luanda. As quezílias vieram a público com as dúvidas sobre venda a interesses públicos angolanos da portuguesa Escom, activa no sector dos diamantes angolano.

O Departamento Central de Investigação e Acção Penal investiga as circunstâncias em que o Grupo Espírito Santo vendeu a totalidade da sua participação na Escom à Sociedade Nacional de Combustíveis de Angola (Sonangol). A empresa angolana pagou a título de sinal um valor de cerca de 15 milhões de euros ao Gru-



As dúvidas nos negócios estatais

No campo das privatizações, e em especial no que concerne à EDP, este Governo ainda vai ter muito para explicar. Em Agosto de 2011, Vítor Gaspar anunciou a contratação, por ajuste directo, da Perella Weinberg Partners para assessorar o Estado nas privatizações da EDP (21,35 por cento), da REN (40 por cento) e da Galp (10 por cento). Decisão cuja legitimidade alguns juristas consideraram duvidosa, mas que arroudo deste negócio de 16 milhões de euros as instituições que constavam da pequena lista que manifestara interesse na operação, e na qual não figurava a Perella. O ministro das Finanças justificou-se com a falta de tempo para lançar um concurso público.

A Caixa Banco Investimento (BI), o Espírito Santo Investment Bank (BESI) e a Parpública, que gere as participações do Estado, já foram alvo de buscas policiais por suspeitas de tráfico de influências e abuso de informação.

po Espírito Santo, valor que terá sido depositado em Lisboa. Além deste montante, terão sido igualmente transferidos pelos angolanos mais 85 milhões de euros, cujo rasto está a ser investigado pelos procuradores do DCIAP. Este último valor terá sido depositado directamente no Crédit Suisse através da sociedade gestora de fortunas Akoya.

A Akoya, recorde-se, foi envolvida e investigada no caso "Monte Branco", processo que viria a desmascarar uma teia de fraude fiscal e lavagem de dinheiro, com passagem pela Suíça, e em que Duarte Lima acabaria por estar envolvido.

Aliás, foi durante essa investigação que algumas suspeitas terão levado a que o DCIAP solicitasse a ajuda do Ministério Público de Lausanne, na Suíça. Os investigadores ainda estão a tentar descobrir o rasto dos 85 milhões de euros e quem te-

rão sido os beneficiários deste valor, que poderá ter sido depositado em contas de empresas do GES.

O negócio da venda da Escom - detida em 67 por cento pelo GES, estando o restante capital nas mãos do luso-angolano Hélder Bataglia, presidente da empresa - ter-se-á iniciado no Verão de 2010. O GES propôs o negócio à Sonangol, tendo sido assinado em Lisboa um contrato-promessa, depois do Verão, que avaliava o negócio total em cerca de 800 milhões de euros.

Como sinal, a Sonangol, então liderada por Manuel Vicente - que agora é vice-presidente da República de Angola - terá pago cerca de 15 milhões de euros ao GES. Só que a investigação pensa ter havido um segundo pagamento de 85 milhões que terão sido depositados directamente em contas bancárias do Crédit Suisse. ■